

O livro apresenta, globalmente, um olhar sobre a trílogia "atividade física, lazer e saúde", que aqui se constrói a partir das perspectivas plurais que investigadores portugueses e brasileiros os outorgam e desenvolvem em torno da(s) temática(s) fundadoras dos Seminários Internacionais de Educação Física, Lazer e Saúde (SIEFLAS).

Na edição a que respeita esta publicação acrescentou-se o desafio à comunidade científica participante, nomeadamente de abordar as problemáticas a partir da contextualização reflexiva sobre os desafios e oportunidades que, num mundo em mudança, se lhe podem alocar. E a resposta, de todos e de cada um dos participantes do seminário, repartiu-se por vários e variados esteiros confluentes na sua diversidade: desde a infância e do comprometimento com o lúdico prazeroso que nela ganha expressão relevante para a vida, se pode fazer um caminho que, reconhecidamente, aporta à construção de um corpo capaz de, na sua integralidade, tornar melhor o quotidiano de cada um de nós.

Os capítulos foram agrupados em quatro grandes e diferenciadas áreas temáticas – Infância e Jogo; Lazer e Atividade Física; Educação Física Desporto e Intervenção; Desporto e Ciências Humanas. Fica, também, o registro avisado que tem pautado o SIEFLAS, e o lastro da participação significativa que nele tiveram todos quantos, ao fazê-lo, se mostraram comprometidos com o que neles todos e, particularmente, a partir de cada um, de relevante se registrou para o encontro de novos roteiros que contribuam para melhorar a nossa vida de todos os dias.



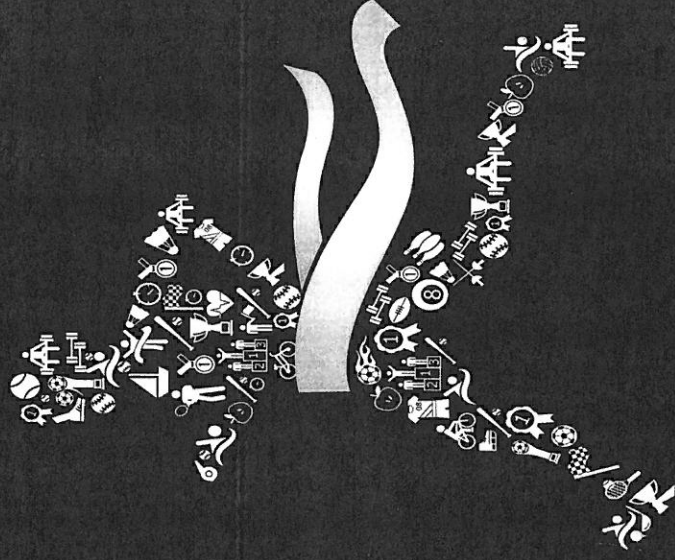
ISBN: 978-85-62946-38-7



9 788562 946387

# ATIVIDADE FÍSICA, SAÚDE E LAZER.

## olhar e pensar o corpo



BEATRIZ OLIVEIRA PEREIRA  
ALBERTO NÍDIO SILVA  
ANTÔNIO CAMILO CUNHA  
JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO  
*Organizadores*

ATIVIDADE FÍSICA, SAÚDE E LAZER  
olhar e pensar o corpo

*Organizadores*

BEATRIZ OLIVEIRA PEREIRA  
ALBERTO NÍDIO SILVA  
ANTÔNIO CAMILO CUNHA  
JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO

A coletânea de textos que nesta obra está registada reparte-se por um conjunto de abordagens científicas que têm por pano de fundo a atividade física e o jogo enquanto promotores de saúde e desenvolvimento pessoal e social.

Os trabalhos que os autores apresentam olham na sua plural dimensão a temática a partir dos diferenciados quadros em que é desenvolvida, quer a que decorre em contexto escolar curricular, ou a que ocorre nos espaços informais do quotidiano dos atores, sejam eles escolares ou exteriores aos da vida institucional das crianças.

Têm a chancela de especialistas de reconhecido mérito provenientes de diversas instituições de ensino superior do Brasil e de Portugal e foram apresentados e discutidos pela comunidade científica no IX Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde, que decorreu em 2013 no Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

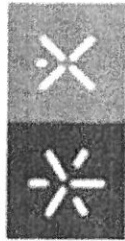
# ATIVIDADE FÍSICA, SAÚDE E LAZER:

*olhar e pensar o corpo*

# ATIVIDADE FÍSICA, SAÚDE E LAZER:

*olhar e pensar o corpo*

Edição apoiada por:



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança  
Centro de Investigação em  
Estudos da Criança (CIEC)

*Organizadores*

BEATRIZ OLIVEIRA PEREIRA

ALBERTO NÍDIO SILVA

ANTÓNIO CAMILO CUNHA

JUARez VIEIRA DO NASCIMENTO



Florianópolis - 2014

© Copyright by Beatriz Oliveira Pereira,  
Alberto Nídio Silva, Antônio Camilo Cunha

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**  
Rita Motta - Ed. Tribo da Ilha

**Edição:**  
CIEC, IE, UM, Braga, Portugal

**Apoio:**  
Centro de Estudos da Criança (CIEC) Instituto de Educação (IE),  
Universidade do Minho (UM)

**Impressão:**  
Gráfica Copiart

A872 Atividade física, saúde e lazer : olhar e pensar o corpo / Organizadores:  
Beatriz Oliveira Pereira, Alberto Nídio Silva, Antônio Camilo Cunha,  
Juarez Vieira do Nascimento. – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da Ilha,  
2014.  
408 p. : il. : graf.

Inclui referências

ISBN: 978-85-62946-38-7

1. Atividade física. 2. Qualidade de vida. 3. Esportes – Lazer.
4. Educação física para crianças. 5. Jogos infantis. 6. Políticas públicas.
7. Inclusão social. I. Pereira, Beatriz Oliveira.

CDU: 796

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É  
proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de  
difusão, inclusive pela internet, sem prévia autorização do autor.



**EDITORA TRIBO DA ILHA**

Rod. Virgílio Várzea, 1991 - Saco Grande  
Florianópolis-SC – CEP 88032-001  
e-mail: editoratribodalha@gmail.com  
Fone/fax: (48) 3238 1262 - 9122 3860  
www.editoratribo.blogspot.com

## APRESENTAÇÃO

Os textos que a seguir se dão a conhecer foram trazidos pelos seus autores ao IX Seminário Internacional de Educação Física, Saúde e Lazer, que nos dias 3, 4, 5 e 6 de julho de 2013 decorreu no Instituto de Educação da Universidade do Minho, na cidade portuguesa de Braga.

Como o título da obra indica, constituem, globalmente, um olhar sobre a trilogia “atividade física, lazer e saúde”, que aqui se constrói a partir das perspetivas plurais que os investigadores portugueses e brasileiros que os outorgam desenvolvem em torno da(s) temática(s) fundadora do Seminário.

Na edição a que respeita esta publicação, ficou, ainda, acrescentado o desafio à comunidade científica participante, de procurar direcionar os trabalhos a apresentar no Seminário por forma a que a problemática que o sustentava fosse olhada a partir da sua contextualização reflexiva sobre os desafios e oportunidades que num mundo em mudança se lhe podem alocar.

E a resposta, de todos e de cada um dos que ao IX SIEFLAS vieram, repartiu-se por vários e variados esteiros confluentes na sua diversidade: desde a infância e do comprometimento com o lúdico prazeroso que nela ganha expressão relevante para a vida, se pode fazer um caminho que, reconhecidamente, aporta à construção de um corpo capaz de, na sua integridade, tornar melhor o quotidiano de cada um de nós.

Nos textos que a seguir se deixam devidamente agrupados em quatro grandes e diferenciadas áreas temáticas – Infância e Jogo; Lazer e Atividade Física; Educação Física Desporto e Intervenção; Desporto e Ciências Humanas – fica, também, o registo avisado que tem pautado os Seminários Internacionais de Educação Física, Lazer e Saúde, e o lastro da participação significativa que nele tiveram todos quantos, ao fazê-lo, se mostraram comprometidos com o que neles todos é, particularmente, a partir de cada um, de relevante se registou para o encontro de novos roteiros que contribuíam para melhorar a nossa vida de todos os dias.

BEATRIZ OLIVEIRA PEREIRA  
ALBERTO NÍDIO SILVA  
ANTÔNIO CAMILO CUNHA  
JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO



## ORGANIZADORES

**BEATRIZ PEREIRA** é Professora Catedrática da Universidade do Minho (UM) e Doutora em Estudos da Criança. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Educação da UM e é membro integrado do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC) da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) sendo coordenadora da linha de investigação “Saúde e Educação Física”. E-mail: [beatriz@ie.uminho.pt](mailto:beatriz@ie.uminho.pt)

**ALBERTO NÍDIO SILVA** é doutor em Estudos da Criança, especialidade em Sociologia da Infância, pela Universidade do Minho, onde, antes, se tornou no primeiro português a obter o grau de mestre em Sociologia da Infância. Investigador do CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança, do Instituto de Educação da Universidade do Minho.  
Email: [albertonidio@hotmail.com](mailto:albertonidio@hotmail.com)

**ANTÓNIO CAMILO CUNHA** é Doutor em Estudos da Criança e professor do Instituto de Educação da Universidade do Minho e investigador do CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança.  
E-mail: [camilo@ie.uminho.pt](mailto:camilo@ie.uminho.pt)

**JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO** é Doutor em Ciências do Desporto, Professor Associado IV da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pró-reitor Adjunto de Pós-graduação da UFSC e investigador do Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte (NUPPE).  
E-mail: [juarez.nascimento@ufsc.br](mailto:juarez.nascimento@ufsc.br)

## SUMÁRIO

### Parte I

#### INFÂNCIA E JOGO

---

JOGO E EDUCAÇÃO .....	13
<i>Edison Roberto de Souza</i>	
ASPECTOS SOCIAIS, MOTORES E LÚDICOS NA INTERAÇÃO DE CRIANÇAS NAS ACADEMIAS DA PRIMEIRA IDADE, MARINGÁ, PARANÁ, BRASIL .....	27
<i>Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Solange Batista da Silva</i>	
O LÚDICO COMO <i>OPTIMAL EXPERIENCE</i> .....	42
<i>Alberto Nídio Silva</i>	
O QUE ENCONTRO NO MEU RECREIO E COMO O UTILIZO .....	53
<i>Amália Reboło Marques, Débora Alves, Filipa Mesquita, Joana Matos, Maria Santos, Mónica Marques, Rita Varanda, Sara Flamino, Tomié Rocha, Vanessa Tavares</i>	
O TEMPO DE RECREIO NA ESCOLA: que sentimentos? que benefícios? perspetivas dos alunos do 1º ciclo do ensino básico.....	67
<i>Vânia Pereira, Beatriz Pereira, Isabel Condessa</i>	
O “BRINCAR E SE-MOVMIMENTAR” COMO FUNDAMENTO BÁSICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	89
<i>Andrize Ramires Costa, Luana Pedrini, Elenor Kunz</i>	
JOGOS TRADICIONAIS E DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA .....	104
<i>Rui Mendes, Gonçalo Dias</i>	

nstein, R. & Middlestadt, S. Student perceptions of teacher interactions  
1 male high and low achievers. *Journal of Educational Psychology*, 71,  
-431, 1979.

trock, M. Students' thought processes. In M. Wittrock (Ed.), *Handbook of  
arch on teaching* (3rd ed., pp. 297-314). New York: Macmillan Pub., 1986.

## O LUGAR DA TEORIA – NA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

António Camilo Cunha<sup>1</sup>

### Introdução

A reflexão que a seguir se apresenta procura fazer o elogio ao *lugar da teoria*<sup>2</sup> para, depois, elevar o lugar da teoria na Educação Física e Desporto.

<sup>1</sup> CIEC/IE – Universidade do Minho – Braga - Portugal

<sup>2</sup> A forma mais simples e precisa de perceber, de imediato, o significado da palavra teoria é mergulhar nos dizeres dos dicionários:

Assim, numa rápida consulta ao **dicionário (geral) da língua portuguesa** vamos constatar que existem *quatro sentidos para a palavra teoria*: a-Teoria como conhecimento ideal, conhecimento puro; b-Teoria como conhecimento especulativo, não sistematizado, independente das aplicações; c-Teoria como conjunto de regras, de leis sistematicamente organizadas que servem de base a uma ciência e dão explicação de um grande número de fatos (teoria científica – teorizar a realidade tendo um método e uma referência/objeto que é empírico); d-Teoria como conjunto sistematizado de opiniões, de ideias sobre determinado assunto (teoria como doxa – senso comum – teorizar a realidade tomando como referenciais as crenças, a tradição, a cultura).

No **dicionário geral e analógico da língua portuguesa**, emerge a teoria como: “*noções gerais; princípios fundamentais de qualquer arte ou ciência; utopia; deputação ou comissão que, na antiguidade, era enviada ou mandada em nome de uma cidade, para ir fazer sacrifícios aos deuses ou consultar o oráculo*” (p. 1174).

Por sua vez, no **dicionário etimológico da língua portuguesa** a teoria vem do grego que significa: “*acto de ver, de observar, de examinar; acto de ver um espectáculo, de assistir a uma festa; (...)*contemplação do espírito, meditação, espírito; especulação teórica,

tividade. Não discordando desse facto – note-se que o positivismo se constituiu como caminho de evolução técnica, utilitária... –, é nosso entendimento que a prática será mais rica se tiver como “mola de impulso” uma teoria rica, fundamentada e sólida, pois, como referimos, o número (expressão positiva) não poderá *ser o fim (um fim em si mesmo), mas o início e o caminho* para a reflexão e para o conhecimento/entendimento. Foram estas constatações (simples) que inspiraram a feitura do presente texto.

## A Origem da Teoria

Nada melhor que entender (desconstruir) uma palavra, recuando à sua origem ou à sua raiz etimológica. Assim, o vocábulo **teoria** deriva do grego - *Theorein* - que significa: *fixar a atenção, conhecer a pureza, conhecer a verdade tal como ela é, considerar*. Algumas constatações históricas/losóficas dão-nos conta ou substantivam o essencial destes sentidos:

- Platão, nos *diálogos*, alude à teoria como um modo de vida. Um modo de vida não apenas utilitário – conceitos, formas, comportamentos –, mas também contemplativo – o olhar o céu...;
- Aristóteles, na *metafísica*, refere que todos os homens, pela sua natureza, desejam conhecer;
- Heidegger, ao fazer a análise etimológica à palavra teoria, regista: “*olhar com atenção sobre a aparência exterior... onde a verdade entra pelos olhos*”. Note-se o alcance semântico-pragmático da expressão

ria (em oposição à prática)”, do latim *Theoria* como: “a especulação, a investigação especulativa”.p. 290.

na *grande enciclopédia portuguesa e brasileira* a teoria refere: “*doutrina ou opinião que os princípios de uma ciência ou arte ou sobre a causalidade de algum facto; especulação; doutrina especulativa (...), relação entre um facto geral e os factos particulares que vendem dele(...); (do grego teoria, de theorein - considerar)...*”(p. 299).  
 “...elemento de composição que traduz a ideia de deus, divindade: *teologia - do grego: os*”(p.281).

– conhecer as coisas mesmas e uma tarefa árdua, senão impossível.

## Algumas Proposições Sobre a(s) Teoria(s)

A partir dos sentidos atribuídos à teoria já evocados, podemos adiantar algumas proposições:

- a) A teoria como uma intencionalidade, um desejo dirigido ao mundo por forma a percebê-lo, a entendê-lo e a conhecê-lo ou como possibilidade de perscrutar os seus sentidos mais insondáveis;
- b) A teoria como modo de vida simultaneamente utilitário e contemplativo;
- c) A verdade é aparente (aparência exterior), pois é ontologicamente impossível sermos puros (Deuses) para fixar o olhar e ver a pureza. Todo o olhar tem uma construção prévia, assente em preconceitos, dogmas, cultura, etc., que nos impedem de “ver a Deusa”. Aquele desejo de regressar às coisas mesmas, que encontramos em Edmund Husserl e em Merleau-Ponty, parece ser difícil ou mesmo impossível. Talvez possamos fazer uma aproximação ao momento em que nos situamos no mundo da infância onde o **movimento e a linguagem** parecem estar carregados de naturalidade, pureza e autenticidade.

“*Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nos aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho. Este movimento é absolutamente distinto do retorno idealista à consciência, e a exigência de uma descrição pura exclui tanto o procedimento da análise reflexiva quanto o da explicação científica*” (Merleau-Ponty, 2006, p.4).

Neste envolvimento, mesmo a teoria mais valorizada (*status quo*) ou a *teoria científica/positiva* considera que a *observação, verificação, confirmação/infirmiação* não podem ser realizadas sem preconceitos. *Um instrumento é um preconceito, um método é um preconceito*. Quem o preconiza é o pai do positivismo - Auguste Comte - na obra *Discurso sobre o espírito positivo*.

- d) A teoria é o ponto de partida para ver o fenómeno. O fenómeno vai-se dar a conhecer, vai mostrar-se e manifestar-se. A teoria dá-nos a ver. Nós não conseguimos ver a teoria, mas ela dá-nos a ver. No mesmo sentido, também não vemos os nossos olhos (só ao espelho), mas eles dão-nos a ver.
- Os instrumentos de medida (não só a ciência tem instrumentos de observação e medida) são uma teoria. O *microscópio* (*excelência da ciência*) assim como o *vedor* (*excelência da doxa*) podem ser entendidos como prolongamentos do olho e do espírito. Merleau-Ponty na obra *O olho e o espírito* aborda esta dimensão dos instrumentos como prolongamentos...
- e) Não existe teoria (uma teoria), mas sim teorias<sup>3</sup>. As várias teorias de hoje correspondem às várias formas de ver o mundo. São as diversas

<sup>3</sup> Se procedermos a uma análise à história do Homem (cultura ocidental), podemos eventualmente construir uma pequena taxonomia à ideia de teoria - e à prática a ela correspondente. Neste sentido, tomamos a liberdade de considerar cinco focos teóricos:

- *Primeira teoria* - resultado da representação racional e irracional da realidade fundamentada num ideal, numa ideia de perfeição/imperfeição. É aqui que se vai situar o mito, o arquétipo, o religioso, a imagem (i)maculada. A prática surge como forma de agir de acordo com os dizeres e as recomendações dessas representações - à procura da vida boa, o herói, das conquistas, da perfeição versus evitar a decadência, o caminho errático, o pecado, a perversão...
  - *Segunda teoria* - resultado, também, ela de uma representação racional e irracional que vai estruturar a ideia de cultura e, com ela, as dinâmicas de tradição, costumes, senso comum (Doxa). A prática correspondia a formas de agir de acordo com a cultura - os costumes, o folclore, a moral e a ética.
  - *Terceira teoria* - surge na antiga Grécia. Teoria resultado do conhecimento sistematizado sobre determinado domínio pela observação empírica (Aristóteles como um dos precursores) e pela formulação de hipóteses que a confirmam ou infirmam. A prática carilava nas formas de agir de acordo com os princípios, regras ou recomendações dessa teoria.
  - *Quarta teoria* - Uma que surge também do Grego como: *estudo e contemplação*; a outra, encontramos-la no Latim como *especulação filosófica*. As formas de agir estão assentes numa *praxis* (sentido ontológico) - atividade que visa a transformação psicológica, física e emocional, tendo em vista a contemplação, a felicidade, a reflexão e o transcendente.
  - *Quinta teoria* - emerge com a modernidade, sendo muito ligada ao económico, aos media, à indústria cultural e tendo um sentido muito forte de produtividade e eficácia. A prática é, muitas vezes, do campo paradoxal e irracional, levando à não prática, a práticas perversas, especulativas...onde a verdade é, muitas vezes, mentira e a mentira se assume como verdade...
- A manifestação destas teorias e respetivas práticas irão consagrar a ideia de *valor epistemológico* - *valor do conhecimento*...

formas de olhar e conhecer os fenómenos. São as *várias formas de ser homem*.

- f) Não existem teorias melhores ou piores. Levi-Strauss, na obra *O Pensamento Selvagem*, vem defender que há uma teoria em qualquer ser humano. Não há um lado da ciência e um lado da ignorância, pois a teoria é resultado do humano e o humano é feito de cultura e preconceitos, crenças, geografias, ideologias, tradições (a neutralidade pura - como supostamente encontramos nos "Deuses" - não existe). Estes, assim, perante um homem "contaminado" onde cabem todas as teorias. O Índio da Amazônia tem sua teoria; o camponês tem sua teoria; o homem da cidade tem sua teoria; o intelectual (homem da ciência) tem sua teoria - teoria científica. Existem, assim, várias teorias/epistemês que vão dizer o empírico, a vida, a beleza...o Homem.

- g) A maior parte das teorias são legitimadas por uma ou uma pluralidade de práticas, sendo a prática entendida como pôr em, efetuar, forma de agir, **dar valor**.

Gizadas as constatações/proposições motivadas pela problematização do conceito de teoria, é talvez, agora, possível chegar a uma primeira grande conclusão: todas as teorias são válidas pois a ideia de teorias boas de um lado e teorias más do outro, não será um estado definitivo, mas um estado que estará de acordo com a posição cultural, axiológico... de quem as professa. Assim, todas as teorias são resultado de construções e preconceitos - sejam culturais, ideológicos, culturais, axiológicos... A pureza não existe em nós. Se existisse, tínhamos a possibilidade de encontrar a teoria pura, a contemplação plena, a compreensão cabal, o conhecimento integral - total/radical.

A teoria é, ao fim ao cabo, a forma, o caminho (sempre imperfeito) de conhecer, de entender o mundo e de procurar a felicidade. Assim a entendemos: a teoria como caminho da felicidade - **ver a Deus!**

## O Lugar da Teoria no Século XXI

Quando nos situamos no século XXI, constatamos que as grandes correntes do conhecimento existentes não foram todas adotadas da mesma



forma, na medida em que umas foram elevadas, ao passo que outras foram relegadas para planos inferiores. Numa rápida análise a essas teorias, podemos enfatizar cinco grandes correntes ou cinco correntes bastante conhecidas, vindas já do séc. XX, e que apresentamos sucintamente:

- *Atomismo lógico*<sup>4</sup>: Corrente da filosofia analítica, teoria do significado e do esclarecimento – lógica dos enunciados. A verdade de uma proposição é feita por elementos (átomos lógicos – vindos de uma vontade geral) que a constituem. Neste sentido, e atendendo ao pluralismo irreduzível do mundo, a verdade de uma proposição nunca poderá ser sintetizada/reduzida a um único elemento.
- *Positivismo/empirismo lógico (Círculo de Viena)*<sup>5</sup>: Corrente que pretende contribuir para a elaboração de leis gerais, sendo muito inspirada nas ciências naturais e na verdade da metodologia científica – empírica, objetiva, passível de generalização e neutra axiologicamente.

<sup>4</sup> O *atomismo lógico*, herdeiro do trabalho de Gottlob Frege no Século XIX, é uma doutrina filosófica sustentada por Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, durante a primeira metade do Século XX. Foi fundada sobre a recusa do monismo tipo idealista de Hegel e a afirmação do reconhecimento de um pluralismo irreduzível no mundo (mundo como diversidade).

<sup>5</sup> *Positivismo lógico* é uma posição filosófica geral, também denominada *empirismo lógico* ou *neopositivismo*, desenvolvida por membros do Círculo de Viena (década de 20 do Século XX). Tem por base no pensamento empírico tradicional e o desenvolvimento da lógica moderna – muito influenciado pelo seu precursor Auguste Comte – na primeira metade do Século XIX. O positivismo lógico restringiu o conhecimento à ciência e utilizou o Verificacionismo para rejeitar a Metafísica não como falsa, mas como destituída de significado. A importância da ciência levou os positivistas lógicos proeminentes a estudar o método científico e explorar a lógica da teoria da confirmação. O positivismo lógico, hoje em dia, é “desconsiderado”/criticado pela maioria dos filósofos. Mas as correntes filosóficas desdobradas de Thomas Kuhn (que estabelece o caráter paradigmático da ciência) e Paul Feyerabend, demonstrando que, na prática científica, a ciência não evolui segundo normas pré-estabelecidas, parecem continuar a ser objeto de análises várias. Moritz Schlick; Rudolf Carnap; John Locke, David Hume, Karl Marx (pelo tratamento científico da história), Gottfried Leibniz (pelas matemáticas e lógica), são também homens precursores e continuadores desta posição filosófica e científica.

- *Neo-Kantianos*<sup>6</sup>: Corrente humanista, interpretativa, ao defender a “máxima” de que cada elemento da sociedade tem o seu ritmo, o seu valor, que, sendo individual, é também universal.

- *Fenomenologia*<sup>7</sup>: Corrente que pretende “voltar às coisas mesmas” –

<sup>6</sup> O *neokantismo* ou *neocriticismo* é uma corrente filosófica desenvolvida principalmente na Alemanha, a partir de meados do século XIX até os anos 1920. Preconizou o retorno aos princípios de Immanuel Kant, opondo-se ao idealismo objetivo de Georg Friedrich Hegel, então predominante, e a todo tipo de metafísica, mas também se colocava contra o cientificismo positivista e sua visão absoluta da ciência. O neokantismo pretendia portanto recuperar a atividade filosófica como reflexão crítica acerca das condições que tornam válida a atividade cognitiva – principalmente a Ciência, mas também os demais campos do conhecimento – da Moral à Estética. As principais vertentes do neocriticismo alemão foram a Escola de Baden, que tendia a enfatizar a lógica e a ciência, e a Escola de Marburgo, que influenciaram boa parte da filosofia alemã posterior, particularmente o Historicismo e a Fenomenologia. Os seus principais representantes são Hermann Cohen, o líder da Escola de Marburgo, Paul Natorp e Ernst Cassirer.

<sup>7</sup> *Fenomenologia* do grego *phainesthai* – aquilo que se apresenta ou que se mostra – *logos* – explicação, estudo, afirma a importância dos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos – tudo que podemos saber do mundo resume-se a esses fenômenos, a esses objetos ideais que existem na mente, cada um designado por uma palavra que representa a sua essência, a sua “significação”. Os objetos da Fenomenologia são os dados absolutos apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (*noesis*) e as entidades objetivas que correspondem a elas (*noema*). Os fenomenologistas “lutaram” contra o historicismo e o psicologismo. Idealizando um recomeço para a filosofia como uma investigação subjetiva e rigorosa que se iniciaria com os estudos dos fenômenos como aparentam a mente para encontrar as verdades da razão. As suas investigações lógicas influenciaram até mesmo os filósofos e matemáticos da mais forte corrente oposta – o empirismo lógico. A Fenomenologia representou uma reação à eliminação da metafísica, pretensão de grande parte dos filósofos e cientistas do século XIX e início do século XX. Franz Brentano, Edmund Husserl e Merleau-Ponty são considerados os representantes maiores.

“A expressão ‘fenomenologia’ aparece pela primeira vez no século XVIII na escola de Christian Wolff, no Neues Organon de Lambert, diretamente ligada a desenvolvimentos análogos populares naquela época, tais como *dianologia* e *alethiologia*, que significava a teoria da ilusão – uma doutrina para evitar as ilusões. Algo parecido aparece em Kant. Numa carta à Johann Heinrich Lambert, ele escreve: Isso (a fenomenologia) aparece de um modo bastante particular, como uma disciplina propedêutica que deve preceder a metafísica, onde os valores e limites do princípio da sensibilidade são determinados. Mais tarde, a ‘fenomenologia’ vai constituir-se como um título maior na obra de Hegel (...) ‘Fenomenologia’ aparece também nas conferências de Franz Brentano acerca da metafísica.” (Heidegger, 2005, p.3).

“Desde os seus primórdios, a fenomenologia apresentou-se como uma tentativa para resolver um problema... mas talvez o problema do século: problema que se punha desde 1900 para todo o mundo e que ainda hoje é colocado. Com efeito, o esforço filosófico de Husserl, no seu

peçoas, experiência humana, social, experiência de (da) vida, construção e reconstrução do mundo, a partir das manifestações iniciáticas, puras e autênticas.

- *Marxistas (Escola de Frankfurt)*<sup>8</sup>: Corrente que faz uma crítica à ascensão do capitalismo. Se o capitalismo aparentemente tinha um “bom sentido” – com contributos aparentemente bons –, ele veio a revelar-se com muitas contradições e paradoxos, exibindo características como: exploração, estratificação social ou classes, conflitos de classes, domínio de classe, economia, capital, grupos, entre outros.
- *Marx – Weber*: Teoria que apela ao compromisso, à interpretação, à ação humana; teoria que faz o elogio à significação da vida, à subjetividade, aos valores, às atitudes e às crenças – aceitação radical da diversidade.

*espírito, destinou-se a resolver, simultaneamente, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos.*” (Merleau-Ponty, 1983, p. 11).

<sup>8</sup> *Escola de Frankfurt* (em alemão: *Frankfurter Schule*) refere-se a uma escola de teoria social interdisciplinar neo-marxista particularmente associada com o Instituto para Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt – 1924. A escola, inicialmente composta por cientistas sociais marxistas dissidentes que acreditavam que alguns dos seguidores de Karl Marx, tinham-se tornado “papagaios” de uma limitada seleção de ideias de Marx, e utilizadas em defesa dos ortodoxos partidos comunistas. Entretanto, muitos desses teóricos experimentaram que a tradicional teoria marxista não poderia explicar adequadamente o turbulento e inesperado desenvolvimento de sociedades capitalistas no século XX. Críticos tanto do capitalismo e do socialismo da União Soviética, as suas escritas apontaram para a possibilidade de um caminho alternativo para o desenvolvimento social. Apesar de algumas vezes apenas espontaneamente afilhados, os teóricos da Escola de Frankfurt falaram com um paradigma comum em mente, compartilhando, portanto, os mesmos pressupostos e sendo preocupados com questões similares. A fim de preencher as percebidas omissões do marxismo tradicional, eles solicitaram extrair de outras escolas de pensamento, por isso usaram ensaios de sociologia antipositivista, psicanálise, filosofia existencialista e outras disciplinas. As principais figuras da escola foram solicitadas a aprender e sintetizar os trabalhos de variados pensadores, como Kant, Hegel, Marx, Freud, Weber e Lukács. Seguindo Marx, eles estavam preocupados com as condições que permitiriam mudanças sociais e o estabelecimento de instituições racionais. A sua ênfase na componente “crítico” da teoria foi derivada significativamente pela tentativa de superar os limites do positivismo, materialismo e determinismo retornando à filosofia crítica de Kant e aos seus sucessores no idealismo alemão, principalmente a filosofia de Hegel, e a sua ênfase na dialética e contradição como propriedades inerentes da realidade. Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, alguns dos seus fundadores e precursores.

## O que Aconteceu

O Século XX foi o da consagração do *positivismo lógico* e a sua máxima: *a verdade é resultado da experiência/fatos*. O peso do positivismo lógico foi poderoso, esmagador, consagrando a verificabilidade empírica – hipótese, número, padrão, generalização, lei – como manifestações do verdadeiro conhecimento e, por isso, da verdadeira teoria. O positivismo tem sua teoria – o número. Ora, este caminho faz sentido para as ciências exatas/naturais. Foi deste facto que se assistiu à emergência do conhecimento e produção da técnica, tecnológica, nuclear, do armamento e do mercado – da produção material...

Com efeito, este caminho – o da exclusividade positivista – parece ser de exclusão e, até, de *desconhecimento epistemológico*, quando situado no campo das ciências humanas e do comportamento. Na verdade, quando se trata de pessoas, o conhecimento da observação, da descrição exata, quantitativa, objetiva, parece ser redutor e afastado das grandes questões como: o homem, a vida, a subjetividade, as emoções, os afetos ou os sons; ou ainda, na esteira de Kant, o sentido da estética, do juízo do gosto, da sensibilidade e da razão pura.

As formas de conhecimento nas ciências humanas e do comportamento – é bom (re) lembrar, por exemplo, que Educação Física e o Desporto se situam, na sua essência, nas ciências humanas e do comportamento – necessitam de outras formas de conhecimento que contemplem expressões culturais, axiológicas, filosóficas e teóricas, entre outras.

Foram estas realidades que fizeram com que, na década de 60 do Século XX, emergisse um tempo de mudança – uma *mudança cultural* pelo elogio ao “capital” humano, social, cultural, investigativo e, com ela, o *elogio ao sentido pluriparadigmático do conhecimento e da teoria*. Neste envolvimento, as outras várias teorias (que se encontravam, até ali, mais ou menos silenciosas) começam a manifestar-se, sendo que, hoje, a ideia da *comunicação epistemológica* é aquela que se mostra com mais sentido. Assim, uma práxis conforme os contextos sociais, políticos, culturais, numa permanente construção/reconstrução, reinterpretada teórica são caminhos que parecem servir melhor o humano, a comunidade e o

mundo. A teoria científica (de cariz positivista) começa a revelar-se frágil (ao serviço do homem) e a necessidade de incorporar conhecimentos mais próximos das ciências humanas parece ser determinante.

## O Valor e o Lugar Natural da Teoria Hoje

A teoria é um pressuposto fundamental, pois nela reside **a informação, o conhecimento e a sabedoria**. A excelência da teoria (como acabamos de sustentar) é quando nela se fazem não apenas juízos empíricos, mas também metafísicos, culturais, axiológicos, filosóficos, políticos... A teoria serve para fundamentar o conhecimento (episteme), bem como para possibilitar sempre uma meta-análise, uma crítica/crítica em torno de si mesma. A teoria é exigente, está em constante confronto, diálogo, reinterpretação numa dialética de construção e destruição. *Este é o seu valor epistemológico.*

Assim, as práticas empíricas, intelectuais e científicas não possuem apenas um estatuto meramente empírico. Elas têm em si uma dimensão normativa, axiológica, metafísica, cultural, valorativa capaz de *fazer um mapa da realidade (humana) – teoria humana*. O homem (e suas manifestações) é, antes de mais, do campo das ciências humanas e do comportamento e, por isso, não há uma rutura radical entre o empírico e as proposições não empíricas – que são culturais, valorativas, metafísicas e, por isso, muitas vezes, abstratas, irracionais, axiológicas, subjectivas, particulares e gerais. O Homem é, assim, do campo das grandes narrativas ou das construções filiadas não apenas no mundo histórico-factual ou empírico, mas também no universo contra-factual e/ou ficcional.

Deste modo, as questões teóricas podem ser avaliadas sem ser empiricamente, podendo ter (têm) a sua validade teórica, enquanto fruto de continuada reflexão expressa em avanços e recuos. Há uma crítica / crítica teórica, metafísica, política, cultural, filosófica, contemplativa... que é mais forte que as evidências empíricas. Neste sentido, as mudanças teóricas não se dão apenas porque algumas constatações empíricas assim sugerem. Elas são, antes de mais, resultado de uma reflexão teórica profunda – *sentido pluriparadigmático*.

*Os acontecimentos científicos não são uma evidência da experiência, mas da teoria, que vai questionar a evidência empírica.*

## A Educação Física e o Desporto Neste Contexto

A Educação Física e o Desporto são, antes de mais, – como já tivemos oportunidade de referir – *do campo das ciências humanas, do campo das grandes teorias/narrativas*. Esta afirmação pode ser encontrada na história (sentido da história)<sup>9</sup> onde a podemos situar de forma direta e indireta. Ao

<sup>9</sup> Se atendermos ao sentido da história e à dimensão humanista da Educação Física/Desporto, podemos elaborar uma pequena taxonomia e elevar algumas constatações/proposições: a – O desporto clássico tinha (tem) como grande objetivo a competição e a obtenção de mais e melhores resultados – manifestação olímpica. Era (é) um desporto para alguns, desporto que não fazia (faz) parte da vida quotidiana. É desporto de um grupo (atletas) que praticava (prática) e competia (compete).

b – No entanto, o desporto clássico tinha também na sua essência (os Gregos sabiam disso) uma manifestação que poderia ser educativa e, por isso, foi chamado a integrar essa missão. O maior exemplo deste fato pode ser encontrado no projeto educativo helénico, onde a Educação Física concorria de igual forma com as outras áreas educativas – canto, retórica, escultura e pintura. Hoje, esse sentido continua presente, fazendo parte do projeto educativo moderno – faz parte do currículo escolar...

c – Com a modernidade (revolução industrial, iluminismo...), o desporto continua a ter estas duas direções, acrescentando, agora, uma nova direção: *o social*. O Desporto invadiu o social, sendo simultaneamente produtor e produto social, constituindo-se como uma manifestação cultural. Na base desta dialética (mais do que dicotomia ou dualidade), está uma melhoria das condições básicas de vida (para lá da sobrevivência... “mais tempo” para o ócio...) associado à evolução da técnica, da informação e da comunicação. De salientar que esta manifestação cultural do desporto (para além da sua manifestação mais purista) foi instrumentalizada por uma indústria cultural e pelos media... o que veio trazer outras implicações, nomeadamente mercantis e consumistas, ideológicas (consolidação capitalista...) Independentemente das tendências atuais do desporto, podemos afirmar que esta evolução permitiu:

*Um maior processo de comunicação* – comunicação de pessoas, de seres humanos... seres de comunhão, de partilha, que vivem em comum.

*Uma valorização do corpo através do desporto* – assiste-se ao elogio da saúde, da estética, do prazer, observando-se a exaltação do corpo e o regresso à natureza; novos espaços informais e não formais são contemplados. O Corpo, que, antes, era um instrumento produtivo, “passa” a ser instrumento e um locus de vida, realização individual e coletiva, manifestação de felicidade, apesar, naturalmente, de olhares opostos que veem, hoje, o corpo “escravo” do modelo consumista.

*“O verdadeiro sábio procura a ausência de dor, e não o prazer.” (Aristóteles)*

pertencer ao campo das ciências humanas (o Homem como um fim em si mesmo e, com ela, a ideia de comunicação – com ele e com o outro), acaba por ser do domínio da teoria que não se reduz apenas a fatos empíricos.

Contudo, vamos constatar que a Educação Física e o Desporto também não conseguiram fugir ao designio do positivismo. A Educação Física e Desporto, ao considerarem o resultado, a competição, a eficácia ou o produto foram naturalmente assimilados pelo positivismo e, com ele, observa-se a emergência da teoria empírica ou da teoria reduzida aos factos técnicos e mecânicos. O Homem (corpo) veio a constituir-se assim como um instrumento, uma máquina, *um meio*.

Ora, para que a Educação Física e Desporto possam cumprir a dimensão *competitiva, educativa e social (forjar a comunidade)*, não deverão apenas situar-se no sentido positivo e terão de convocar o campo interpretativo/hermenêutico – a autenticidade, o face a face, a presença, a personalidade, a alteridade ou a relação, por exemplo.

O lugar da teoria na Educação Física e Desporto? É o lugar de uma teoria reflexiva sustentada, exigente, profunda que tem em conta não apenas as evidências empíricas, mas também o sentido subjetivo, intersubjetivo, interpretativo, de acordo com os sentidos culturais, axiológicos, valorativos, filosóficos e políticos, entre outros.

## Referências Bibliográficas

- Aristóteles. *Metafísica*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- Bivar, A. *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto: Edições Ouro, II, pp.1173-1174, 1952.
- Camilo Cunha, A. *Pós-Modernidade, socialização e profissão dos professores de educação física – para uma nova reconceptualização*. Viseu: Vislis Editores, 2008.
- Camilo Cunha, A. e Petrica, J. *Pensamento do professor. Conhecimento, cultura, existência*. Braga: Edições Casa do Professor, 2009.

Cantista, M. et. al. *Desenvolvimento da fenomenologia na contemporaneidade*. Lisboa: Campo das Letras. Editores, 2007.

Carr, W. & Kemmis, S. *Teoria crítica de la enseñanza*. Barcelona: Martinez Roce, 1988.

Castela, A. A Mudança cultural a que chamamos de pós - modernidade: valores em crise Vs crise de valores. In: Martins, E (Org.). *(R)evolução das ideias e teorias pedagógicas*. Castelo Branco: Alma Azul Editores, pp. 275 – 284, 2006.

Comte, A. *Discurso sobre o espírito positivo*. Coleção Biblioteca Básica de Filosofia. Rio de Janeiro: Edições 70 (Brasil), 2002.

Chelita, G. *Vivendo a filosofia*. São Paulo: Atual Editora, 2010.

Daolio, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1996.

*Dicionário Geral da Língua Portuguesa*. Porto: Porto editora. 2011

Dufour, W. 50 Ans d' education physique en europe. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 4, pp. 79-97, 1992.

Durozoi, G. & Roussel, A. *Dicionário de filosofia – dicionários temáticos*. Porto: Porto Editora, 2000.

Figueiredo, A. As concepções de educação física no ocidente. *Revista do Instituto Politécnico de Viseu (Millennium)*, Viseu: 3, (10), pp.189-204, 1998.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 32, pp. 228-229.

Habermas, J. *El discurso filosófico de la modernidade*. Madrid: Taurus, 1991.

Heidegger, M. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1989.

Heidegger, M. *Introduction to phenomenological research*. Indiana: Indiana University Press, 2005.



- Heidegger, M. *Ser e tempo*. Trad. Maria Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Vozes, 2006.
- Husserl, E. *Lógica, psicologia e fenomenologia*. Génova: Melangolo, 1999.
- Husserl, E. Fenomenologia. In: *Invitation a la fenomenologia*. Barcelona: Paidós, 1992.
- Jaques, M. *Auguste Comte: Un philosophe pour notre temps*. Paris: Kimé, 1995.
- Law, S. *Filosofia - guias essenciais*. Editora Civilização, 2010.
- Lévi-Strauss, C. *O Pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.
- Machado, J. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- Marcuse, H. *Cultura e sociedade*. Vol. 1. Trad. Wolfgang Leo Maar et. al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- Merleau-Ponty, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2004.
- Merleau-Ponty, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. Trad. Salma Tanus Muchail. São Paulo: Ed. Saraiva, 1983.
- Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Perez, D. *Kant e o problema da significação*. Curitiba: Editora Champagnat, 2008.
- Platão. *Diálogos - Hípias menor - agir humano; Segundo Alcibiades - conhecimento; Teeteto*: Teoria do Conhecimento. Enciclopédia Britânica, 2002.
- Pombo, O. *A Crise na educação In: Quatro textos excêntricos (Introdução)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- Vásquez, A. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Clacso, 2007.

## *IMAGERY*: diferenças entre as modalidades do *imagery* (cinestésica e visual) nas crianças de 12 e 13 anos

Pedro Mendes<sup>1</sup>  
 João Petrica<sup>1,2</sup>  
 João Serrano<sup>1,2</sup>  
 António Faustino<sup>1</sup>  
 Rui Paulo<sup>1</sup>

### Introdução

Atualmente tem-se verificado uma grande preocupação por parte dos profissionais do desporto em desenvolver e implementar estratégias e técnicas de aperfeiçoamento motor, com o objetivo de otimizar os gestos técnicos desportivos e consequentemente a performance do atleta. Desta forma, o *imagery* pode servir como uma metodologia complementar para a melhoria do processo ensino-aprendizagem de habilidades e destrezas motoras, assim como o seu nível de performance. Apesar de se registarem vários estudos sobre o *imagery*, poucos são os que abordam a temática que pretendemos investigar e na faixa etária proposta, especificamente entre os

<sup>1</sup> Instituto politécnico de Castelo Branco.  
<sup>2</sup> FCT and CI&DETS.